

<https://doi.org/10.56117/ReSBEnQ.2025.v6.e062510>

## Questões Raciais e Ensino de Química: implicações para o Estágio Supervisionado

*Racial Issues and Chemistry Teaching: implications for Supervised Teaching Practice*

*Cuestiones raciales y la enseñanza de la química: implicaciones para las prácticas supervisadas*

**Paloma Nascimento dos Santos** ([palomans@ufba.br](mailto:palomans@ufba.br))  
Universidade Federal da Bahia - UFBA  
<https://orcid.org/0000-0002-2480-4666>

### Resumo

O Estágio Supervisionado é uma etapa formativa fundamental na formação de professoras e professores de Química, que possibilita o diálogo entre teoria e prática e promove a reflexão sobre o saber-fazer docente. Observa-se uma lacuna significativa na articulação dos estágios em Química com as discussões sobre as questões raciais, mesmo após décadas de implementação da Lei 10.639/2003, que torna obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira em todo o ensino no Brasil. Este ensaio identifica e analisa seis elementos ainda pouco explorados no Ensino de Química que se apresentam como fundamentais para a reflexão sobre a educação para as relações étnico-raciais no Ensino de Química a partir do Estágio Supervisionado. Inicialmente são pesquisados fundamentos históricos e legais que são o ponto de partida para a implementação das questões raciais nos estágios e a possibilidade de articulação com a formação docente em Química. Em seguida, defende-se que o Estágio Supervisionado é propício para adensar a discussão racial para o Ensino de Química a partir de sua estrutura como campo de prática e de elaboração teórica sobre a escola. Por sua perspectiva formativa, especialmente no âmbito da pesquisa, as experiências no Estágio Supervisionado podem valorizar os saberes afro-brasileiros nas Ciências, propor o reconhecimento das experiências de estagiários e estagiárias negros e negras e contribuir para a produção de ações pedagógicas sobre questões raciais e Química. Conclui-se que o Estágio Supervisionado deve se constituir como mais um espaço obrigatório da formação de licenciandas e licenciandos para a construção de uma docência colaborativa, crítica e antirracista em Química.



Este texto é licenciado pela [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

**Palavras-chave:** Educação para as Relações Étnico-Raciais. Formação docente em Química. Estágio Supervisionado.

### **Abstract**

The Supervised Teaching Practice is a fundamental formative stage in the education of Chemistry teachers, as it enables dialogue between theory and practice and promotes reflection on pedagogical knowledge and action. A significant gap remains in the articulation of Chemistry teaching practices with discussions on racial issues, even after decades since the implementation of Law 10.639/2003, which mandates the teaching of Afro-Brazilian history and culture across all levels of education in Brazil. This essay identifies and analyzes six elements still underexplored in Chemistry Education that are fundamental for reflecting on ethnic-racial relations education within the context of the Supervised Teaching Practice. Initially, it examines historical and legal foundations that serve as a starting point for implementing racial issues in teaching practices and for articulating them with teacher education in Chemistry. It then argues that the Supervised Teaching Practice is a favorable space for deepening racial discussions in Chemistry Education, given its dual nature as both a field of pedagogical practice and theoretical elaboration on schooling. From its formative perspective, especially within the research dimension, experiences in the Supervised Teaching Practice can value Afro-Brazilian knowledge in the Sciences, promote the recognition of the experiences of Black pre-service teachers, and contribute to the development of pedagogical actions addressing racial issues and Chemistry. It concludes that the Supervised Teaching Practice should be established as another mandatory space in pre-service teacher education for building a collaborative, critical, and anti-racist approach to Chemistry teaching.

**Keywords:** Ethnic-racial relations education. Chemistry teacher education. Supervised Teaching Practice.

### **Resumen**

La Práctica Docente Supervisada constituye una etapa formativa fundamental en la formación de profesoras y profesores de Química, ya que posibilita el diálogo entre teoría y práctica y promueve la reflexión sobre el saber y el hacer docente. Se observa una brecha significativa en la articulación de las prácticas docentes en Química con las discusiones sobre las cuestiones raciales, incluso después de décadas de implementación de la Ley 10.639/2003, que establece la obligatoriedad de la enseñanza de la historia y la cultura afrobrasileña en todos los niveles de la educación en Brasil. Este ensayo identifica y analiza seis elementos aún poco explorados en la Enseñanza de la Química que resultan fundamentales para reflexionar sobre la educación para las relaciones étnico-raciales en

el contexto de la Práctica Docente Supervisada. En primer lugar, se examinan los fundamentos históricos y legales que constituyen el punto de partida para la incorporación de las cuestiones raciales en las prácticas docentes y su articulación con la formación del profesorado en Química. Posteriormente, se argumenta que la Práctica Docente Supervisada es un espacio propicio para profundizar la discusión racial en la Enseñanza de la Química, dada su estructura como campo de práctica pedagógica y de elaboración teórica sobre la escuela. Desde su perspectiva formativa, especialmente en el ámbito de la investigación, las experiencias en la Práctica Docente Supervisada pueden valorar los saberes afrobrasileños en las Ciencias, promover el reconocimiento de las experiencias de las y los practicantes negros y contribuir a la producción de acciones pedagógicas que aborden las cuestiones raciales y la Química. Se concluye que la Práctica Docente Supervisada debe consolidarse como un espacio obligatorio más en la formación de licenciadas y licenciados para la construcción de una docencia colaborativa, crítica y antirracista en Química.

**Palabras clave:** Educación para las relaciones étnico-raciales. Formación docente en Química. Práctica Docente Supervisada.

## **Introdução**

O Estágio Supervisionado é um espaço produtivo e privilegiado de formação e reflexão sobre a prática pedagógica de professoras e professores de Química. Em sua concepção, o Estágio Supervisionado oferece um lugar para articular as reflexões acadêmicas e epistemológicas sobre o fazer pedagógico, estreitar a relação entre o processo formativo e a escola, inserir a licencianda e o licenciando em uma dinâmica escolar que garanta uma reflexão sobre currículo e prática docente. É no Estágio que a interação saber-fazer se faz presente na reflexão sobre os conhecimentos pedagógicos em contraste com a vivência em um cotidiano escolar (Silva e Schnetzler, 2008).

Não existe formação docente em Química sem considerar uma sólida formação durante o Estágio Supervisionado, que se localiza, dentro do currículo das Licenciaturas em Química, como um espaço híbrido: é disciplina, é campo de aprendizado, é local de produção de ações didáticas, é momento de elaboração e sistematização de relatórios críticos, lugar da dimensão teórico-prática e apresenta cruzamentos com os programas de formação inicial promovidos na universidade. Este espaço atravessou décadas de reformulação na Licenciatura em Química e, a partir do estabelecimento de leis e questionamentos em relação à inserção das questões raciais na formação em Química, o

Estágio Supervisionado obrigatório se vê em um processo de mudança radical para incluir a raça em seus caminhos.

É impensável, então, refletir sobre a vivência nos estágios em Química sem inserir a discussão sobre as questões raciais em processos formativos docentes. Neste sentido, pergunta-se: qual o lugar da raça nos Estágios Supervisionados? Como propor ações e discussões localizadas no estágio, e na sua relação com a escola, que promovam articulações entre o Ensino de Química e as questões raciais? Historicamente é possível observar um avanço e efetividade ou um silêncio nos estágios quando se consideram as questões raciais?

Assim, este ensaio parte da hipótese de que, quando orientado por princípios da Educação para as Relações Étnico-Raciais, o Estágio Supervisionado em Química pode favorecer a elaboração de propostas didáticas antirracistas, a reflexão crítica sobre o currículo e a docência em Química e a afirmação de subjetividades negras em formação. Neste sentido, este texto objetiva compreender de que maneira as questões raciais estão presentes nos Estágios Supervisionados na licenciatura em Química e como este espaço pode se consolidar como campo de prática, pesquisas e conhecimento voltado à formação para as relações étnico-raciais docentes em Química.

### **Estágio Supervisionado em Química e as questões raciais: histórico e pesquisas**

Selma Garrido Pimenta (1995), em um estudo que considerou a prática formativa para o ensino na educação brasileira por décadas, elaborou uma linha cronológica que desemboca naquilo que chamamos hoje de Estágio Supervisionado. As mudanças significativas foram observadas a partir dos anos 1930, com a implementação de leis estaduais para regulamentar os estágios em cursos de licenciatura. Entre os anos de 1940 e 1950, com a implementação da Lei Orgânica do Ensino Normal, foi instituído o estágio como parte fundamental para a escola primária. Os anos 70 trouxeram a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) 5692/71, que não tratava diretamente das diretrizes para o Estágio Supervisionado, pois a referida lei estabelecia critérios para o curso normal, mas não detalhava o estágio como parte estruturante da formação docente. Apenas com a LDB 9394/96 ficam estabelecidas regulamentações específicas. A partir dos anos 2000, são estabelecidas resoluções com diretrizes curriculares para os cursos de licenciatura. De

---

acordo com a resolução CNE/CP de 18 de fevereiro de 2002 (Brasil, 2002), o estágio configura-se como etapa formativa na docência e deve ser desenvolvido em escolas da educação básica a partir do início da segunda metade do curso, e não deve ser o único lugar para promover a dimensão prática do ensino. As resoluções CNE/CP de 2015 e 2019 definem o Estágio Supervisionado como obrigatório com 400h dedicadas nos cursos de licenciatura.

Para a Licenciatura em Química, nas Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Química (DCNC-Química), ela foi caracterizada como uma complementação ao Bacharelado (Brasil, 2002), no entanto, a Resolução CNE/CP 01/2002 define que a formação de professoras e professores está condicionada ao curso de licenciatura plena, que possui identidade própria e está completamente desconectado ao Bacharelado (Brasil, 2002). Neste documento, o “conhecimento advindo da experiência” é prerrogativa para licenciandos(as), e destaca-se que já há, nessa época, uma crítica ao modelo da racionalidade técnica na formação docente (a perspectiva 3+1, em que o último ano seria o espaço para a formação de licenciado(a)), principalmente a partir da articulação entre pesquisas educacionais e os marcos legais. Para Santos, Lima e Giroto-Junior (2020), foi necessária a reflexão sobre um modelo de formação que imprimisse uma identidade ao processo formativo docente e o entendimento de que são obrigatórios elementos práticos aliados à reflexão sistemática dos conhecimentos e saberes teóricos em Química.

O período dos anos 1990 a 2015, que compreende os referidos marcos legais, foi definido por Roseli Schnetzler (2024) como fundamental para a configuração de uma *docência dialógica*, em que seriam necessárias, para a formação docente em Química, a clareza epistemológica e o domínio conceitual dos temas químicos, a adoção do diálogo e da significação em sala de aula e a importância da linguagem. Para isso, pesquisas concentradas em relacionar conceitos cotidianos e científicos foram ampliadas e fizeram parte de uma formação docente mais política, aproximando as pesquisas realizadas em grupos na Universidade com a formação prática. A formação de professoras e professores passou a incorporar 800 horas com Práticas Pedagógicas e Estágios Supervisionados somadas, garantindo que a formação docente em Química aproximasse as teorias e práticas educativas (Schnetzler, 2024).

O Estágio Supervisionado é um dos momentos mais valorizados da formação docente em Química, se caracterizando como um componente do currículo, mas também

---

como espaço de reflexão, pesquisa e prática. A defesa de que não há um lugar distinto para a teoria e a prática na formação docente em Química é a principal recusa para a antiga formação pautada em uma racionalidade técnica, e é fundamental que a licencianda(o) em Química entenda que a formação (inclusive prática), é realizada em percursos diferenciados e não lineares (Silva e Schnetzler, 2008). O Estágio Supervisionado é este lugar desafiador de constituição, de afetações com os espaços escolares, do confronto com as singularidades e as contradições. É lugar de denúncia e proposição de experimentações, pois experimenta-se um *entre*: vai se constituindo professor e professora ao observar professores e professoras, mesmo ainda não tendo finalizado a formação inicial. Vai se formando professor e professora durante o estágio ao se pesquisar e estudar sobre a atividade docente e refletir sobre as experiências de construção de conhecimento sobre Química com uma turma, com várias turmas, em diálogo com o(a) docente supervisora em escolas que não apenas recebem, mas também participam da formação da(o) futura(o) docente.

As pesquisas sobre Estágios Supervisionados no Ensino de Química, nos últimos anos, apontam sua complexidade como componente curricular e local de formação. Os estudos demonstram que há uma sobreposição e superdimensionamento nas práticas de observação (Silva, 2021), e licenciandas e licenciandos em Química demonstram que a elaboração de planos de aula são os principais desafios dos estágios (Lopes; Silva; Medeiros Filho, 2020). Existem críticas às discussões consideradas improdutivas na Universidade quando confrontadas com o cotidiano de docência nas escolas (Jesus; Tolosa; Fernandes, 2020), são apontadas as ausências de proposições de atividades experimentais investigativas durante os estágios e o excesso de burocracias (Lopes; Freire, 2021). Foram realizadas também pesquisas sobre os estágios durante os anos da pandemia de COVID-19 (Cruz et al., 2021; Frohlich et al., 2021; Pegoraro et al., 2022; Fonseca, 2023), sobre a dificuldade em realizar atividades de Química no Ensino Fundamental em aulas de Ciências e a ausência de normativas para efetivar a participação de docentes supervisores das escolas e sua relação com o(a) licenciando(a) e o(a) docente na Universidade (Luz; Bego, 2022; Rodrigues, 2022).

Nota-se uma heterogeneidade e multiplicidade de pesquisas que são comuns frente a uma etapa formativa que também se destaca como campo de pesquisa sobre a prática em sala de aula. Professores(as) formadores(as) universitários, professores(as)

---

supervisores(as) nas escolas e licenciandos (as) em Química são os principais sujeitos nos Estágios Supervisionados, e é salutar tentar compreender as implicações desse processo formativo para cada um desses grupos. Em estudo de Silva e Schnetzler (2008), professores(as) formadores de Brasil e Portugal indicaram que, em suas experiências, os estágios são lugares para o questionamento do modelo tradicional da racionalidade técnica e propícios para o desenvolvimento da reflexão e autonomia. Reconhecem que os(as) estagiários(as) enfrentam situações pouco programadas devido ao dinamismo do ambiente escolar e apontam para um futuro em que as escolas proponham políticas curriculares para os Estágios Supervisionados.

Em outra pesquisa, ao relatar sobre as experiências nos estágios da Licenciatura em Química, reporta-se que é comum que licenciandas e licenciandos demonstrem um olhar crítico para a estrutura e a dinâmica da escola e para um planejamento de aulas crítico e possível, considerando as adaptações necessárias (Aguiar e Francisco-Júnior, 2013). Essas reflexões foram possíveis por meio de um processo de escrita autobiográfica durante o período de estágio, que também foi objeto de investigação de Cabral e Flôr (2016), que propuseram exercícios de escrita sobre si, sobre a escola e sobre as regências e a relação professor(a)-aluno(a) durante o estágio. As escritas se afastaram e se complementaram à produção dos relatórios técnicos e garantiram aprendizados sobre “escrever Química e sobre Química” (Cabral; Flôr, 2016, p. 172) e sobre si, a futura e o futuro professor(a) de Química.

Em janeiro de 2003 é sancionada a Lei 10639/2003, que estabelece a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Afro-Brasileira (Brasil, 2003). Situada no mesmo período de organização das políticas curriculares para a Licenciatura em Química, a Lei 10639/2003 direciona ações pedagógicas que incluam as questões raciais no Ensino de Química, modificando as discussões sobre a formação docente. As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais - DCN-ERER (Ministério da Educação, 2004) estabelecem um eixo específico para propor ações educativas de combate ao racismo e a discriminações, e destacam a participação de professoras e professores nesse processo. Para isso prevê que, nos cursos de formação docente, estejam presentes as discussões sobre a questão racial como parte integrante da matriz curricular, em todos os cursos de licenciatura em todos os níveis de ensino, na formação inicial e continuada (Ministério da Educação, 2004). Além disso, a Resolução nº

---

1, de 17 de junho de 2004 estabelece que “as instituições de Ensino Superior incluirão nos conteúdos de disciplinas e atividades curriculares dos cursos que ministram, a Educação das Relações Étnico-Raciais, bem como o tratamento de questões e temáticas que dizem respeito aos afrodescendentes, nos termos explicitados no Parecer CNE/CP 3/2004” (Conselho Nacional de Educação, 2004, p. 11).

A partir disso, a formação docente em Química foi reestruturada, a partir de pesquisas, ações pedagógicas e definições de políticas curriculares para que as questões raciais estejam presentes em todo o processo formativo, incluindo os Estágios Supervisionados. Em estudo de 2020, Paixão e Messeder Neto (2020), analisaram as potencialidades e limitações de licenciandas(os) em Química para articular questões étnico-raciais em uma disciplina de Estágio Supervisionado. Por meio da análise de sequências didáticas e entrevistas, concluiu-se que havia uma ausência de uma formação antirracista na Licenciatura em Química, pois os(as) estudantes se mostravam seguros na conceituação química, mas com dificuldades para articular as questões raciais. Ainda assim, produziram sequências didáticas racialmente centradas e apontaram que possuem interesse em abordar questões raciais, mas afirmam a falta de formação específica (Paixão e Messeder Neto, 2020).

Analice de Almeida Lima (2025; 2023; 2022) inseriu práticas formativas para as questões raciais em disciplinas de Estágio Supervisionado para a Licenciatura em Química na Universidade Federal Rural de Pernambuco. Ao longo de 5 semestres letivos da disciplina de Estágio Supervisionado Obrigatório 2 (ESO 2), conduziu discussões teóricas antirracistas com licenciandos e licenciandas em Química e todas as turmas produziram projetos coletivos pautados na Educação para as Relações Étnico-Raciais (ERER) em aulas de Química.

Os projetos incluíram sequências didáticas nas temáticas: químicos e químicas negras, Química na fotografia e embranquecimento, Química do cabelo e preconceito, inovações tecnológicas negras, religiões de matriz africana, dermatologia da pele negra, a Química da arte africana, composição química da culinária afro-brasileira (Lima, 2023). Os projetos foram avaliados coletivamente e alguns serviram como investigações futuras em sala de aula. Em pesquisa sobre outra experiência no ESO para a licenciatura em Química, as(os) licenciandas(os) investigados apresentaram, ao responder questionários antes da construção de projetos para ERER em Química, conhecimentos sobre a Lei

---

10639/2003 e educação antirracista devido ao fato de possuírem um componente curricular obrigatório de Educação para as Relações Étnico-Raciais em todos os cursos de graduação, sendo obrigatório para as licenciaturas (Lima, 2022). Como atividades derivadas das discussões no componente ESO 2, as(os) licenciandos(as) construíram uma ação de extensão e formação durante a Semana da Consciência Negra, com discussões antirracistas voltadas para a reflexão sobre a formação docente e possibilidades para o Ensino Básico (Lima, 2025).

As pesquisas demonstram, portanto, que o Estágio Supervisionado é espaço de planejamento para uma educação antirracista em Química por meio da criação de atividades que permeiam as temáticas sobre identidade, história e representação negra em Química. Os(as) estudantes, durante o estágio, aprendem a refletir sobre a escola e integrar os conhecimentos químicos com abordagens políticas, históricas e culturalmente situadas, devendo, assim, incluir as questões raciais nas etapas constituintes da sua formação como licenciandos(as)-estagiários(as). A prática supervisionada permite que a comunidade escolar seja reconhecida, especialmente a partir das particularidades dos(as) alunos(as) e desafia futuros(as) docentes a construírem propostas de ensino que valorizem a história e identidade de estudantes negros e negras, ampliando a dimensão formativa em Química.

É importante destacar que as potencialidades do Estágio Supervisionado para a ERER em Química dependem do compromisso político dos(as) formadores(as), da estrutura do curso e da mediação crítica dos conteúdos. É fundamental recusar ou adaptar propostas exclusivamente burocráticas e propor planejamentos que considerem subjetividades integrais dos sujeitos, sendo um campo aberto para receber ideias e propostas das(os) licenciandos(as) que os(as) permitam refletir sobre quem são, quem são seus(as) alunas(os), quais conhecimentos negros podem estar presentes em aulas de Química e, assim, afirmar o Estágio Supervisionado como espaço de formação política, pedagógica e epistemológica antirracista.

---

## **O Estágio como campo de prática e conhecimento para racializar o Ensino de Química**

O estágio possui um status epistemológico que desafia as percepções de que seria apenas uma instrumentalização docente. Constitui-se como um campo de conhecimento que se produz a partir da articulação entre os cursos de formação e o campo social, em que as atividades educativas são desenvolvidas (Lima e Pimenta, 2006; Lima e Pimenta, 2018). Para que este campo de conhecimento inclua questões raciais, é necessário entender como as atitudes investigativas podem ser inseridas na tríade observação-regência-escrita, que é um padrão em cursos de formação para a docência em Química.

O estágio como pesquisa envolve projetos pautados por situações vivenciadas na escola ou discutidas teoricamente na universidade. Inserir a pesquisa no estágio reconhece o(a) professor(a) como produtor(a) de saberes ligados à prática docente (Lima e Pimenta, 2018). O estágio como pesquisa elabora uma prática que permite realizar análises para compreender os múltiplos contextos da escola (social, histórico, cultural, organizacional), aliar aos próprios conhecimentos e reflexões sobre a atividade profissional e sobre si mesmo(a) e, a partir das problemáticas específicas construídas, realizar ações para transformar-pesquisar.

Nesse sentido, a construção de projetos de pesquisa a partir dos estágios prevê uma formação crítica e reflexiva e, ainda que as atividades de pesquisa aconteçam dentro da *disciplina* ou *componente curricular* próprios para o estágio, a formação do(a) pesquisador(a)-estagiário(a) já estará em andamento, sendo aprofundada e teorizada na relação com a escola em todo o processo de formação. Para Lima e Pimenta (2018; 2006), as habilidades necessárias para a pesquisa nos estágios compreendem o contato com estudos sobre as temáticas relacionadas ao Ensino (de Química, especificamente aqui nesta reflexão) e a análise de pesquisas e propostas de problemas que serão pensados para a sala de aula. Aliadas a estas questões, são necessárias as discussões sobre metodologias e técnicas para o Ensino de Química, o desenvolvimento de habilidades de leitura e escrita que desafiem as escritas do relatório técnico, mas que não o recusem, e o desenvolvimento de uma postura docente investigativa, com o desejo de pesquisar.

Ao analisar a produção final de estagiários(as) de Química que experienciaram a formação para a pesquisa dentro do componente de Estágio Supervisionado, Lopes e Freire (2021) demonstraram que os(as) estagiários(as) optaram em propor estratégias

---

que, em sua maioria, apresentavam metodologias experimentais e atividades de construção de conhecimento em grupo. Um dos trabalhos produzidos pelo grupo versou sobre a elaboração de sequências didáticas sobre a história e cultura africana e afro-brasileira para o Ensino de Química e anteriormente já foram apresentadas experiências semelhantes propostas por Lima (2022).

Como seria possível racializar as vivências no Estágio Supervisionado considerando a perspectiva de estágio como pesquisa? Para isso será necessário, primeiramente, realizar a crítica à ausência de discussões raciais no Ensino de Química como um todo, que é reverberado nas próprias disciplinas de estágio ou na reflexão sobre a prática docente. Camargo e Benite (2019), ao analisarem um currículo de formação docente em Química, apontaram como muito positivo o *locus* de quatro componentes chamados de “Estágio de Licenciatura” em uma universidade pública. No entanto, nenhuma das ementas incluía referências ou discussões sobre as questões étnico-raciais. Em seguida às críticas se faz necessário compreender elementos fundamentais da EREER para que seja possível problematizar ações pedagógicas para a Química. Estes elementos fundamentais versam sobre a presença e contribuições negras às ciências, a perspectiva da coletividade como ponto de partida para propor aprendizado em Química, a pesquisa sobre os conteúdos de História da Ciência que adicionem o conhecimento químico produzido fora dos contextos sócio-históricos hegemônicos, como o europeu, a problematização sobre conteúdos relacionados à realidade ambiental e local da comunidade escolar, que pode ser abordado em aulas de Química, e o entendimento sobre o conceito de racismo e as implicações sociais deste nas ciências e na Química.

Ações de formação inicial docente como o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) e o extinto Programa Residência Pedagógica (PRP) influenciam fortemente a formação em Química e promovem articulações efetivas com as questões raciais. O que os estágios supervisionados podem aprender com as experiências dos referidos programas em suas especificidades e no que os estágios supervisionados, em tantos anos de história de formação, acrescentam ao PIBID? Primeiro é importante reforçar que não há nenhum tipo de concorrência, visto que a obrigatoriedade dos componentes de estágio na formação da licenciatura em Química democratiza as reflexões sobre a prática docente, fato que os programas governamentais citados não abarcam, já

que são oferecidas poucas vagas atreladas a bolsas em cronogramas de atividades específicos, independente do currículo da graduação.

Ainda assim, tanto o PIBID quanto o PRP promovem a criação de coletivos reflexivos, visto que organizam análises, planejamentos e ações pedagógicas que são produzidas em grupo, o que contemplaria de imediato uma perspectiva diversa, que incluiria as questões raciais. A colaboração é prevista a partir de uma tríade dialogal: supervisor(a) na escola, professor(a) formador(a) na universidade e pibidiano(a) ou residente; que estruturam a formação, com uma maior participação dos(as) estudantes, devido, também, a um maior período de imersão na escola. Não há disputa entre esses programas e o estágio, porém as pesquisas mostram que existe uma produção acadêmica voltada para as questões étnico-raciais oriundas do PIBID e PRP, evidenciando que seria possível investigar nesta temática em ações de formação inicial docente. Em estudo com um grupo de licenciandos(as) que cursavam uma disciplina de Estágio Supervisionado e o PIBID concomitantemente, Santos Junior; Leite; Leite Junior (2022), analisaram que o grupo de futuros(as) professores(as) não percebem o Estágio Supervisionado como fundamental para a formação, especialmente a partir de sua estrutura curricular e burocrática, e, quando confrontados(as) a relatar suas experiências com o PIBID, encontram (e entendem) como um espaço coletivo e efetivo de formação profissional, com estreita relação e reconhecimento da escola, servindo como um estímulo ao protagonismo e à problematização investigativa sobre a atividade docente. Para Bego (2017), além da caracterização como *locus* coletivo singular na Química, o PIBID ofereceria um envolvimento crítico-afetivo para o grupo em formação, que promove pesquisa, estudos sistematizados sobre a formação docente, motivação e melhora do desempenho acadêmico e direcionamento profissional para área de Ensino.

As experiências apresentadas pelos programas PIBID e PRP para as questões raciais em articulação com o Ensino de Química incluem: formação voltada para o Ensino de Química sobre a Lei 10639/2003, organização de oficinas formativas para pibidianos(as) e residentes sobre as questões raciais, ponto de partida para a reflexão e elaboração de atividades na escola, elaboração, dentro dos programas, de sequências didáticas para aulas de Química voltadas para as questões raciais como atividades formativas para todo o grupo de pibidianos(as) e residentes, podendo ser aplicadas, validadas, discutidas dentro do contexto local da comunidade escolar, valorização de

---

saberes negros regionais em articulação com o conteúdo químico, construção e elaboração de eventos, feiras e mostras científicas com temáticas raciais e científicas, reflexão sobre a identidade docente (inclusive negra) durante o PIBID e PRP e participação em eventos acadêmicos para socialização das atividades, contando, muitas vezes, com a participação de estudantes do Ensino Médio e supervisores(as) da escola (Pinheiro, 2016; Santos et al., 2015; Passos et al., 2021; Brito e Lopes, 2014; Lopes et al., 2023, Souza, 2018; Oliveira, 2018; Santos; Gonzalez; Santos, 2024).

Assim, o Estágio Supervisionado possui potencial para ser campo de teoria e prática para as questões raciais no Ensino de Química quando incorpora exemplos de atividades de outros programas de formação e quando propõe a pesquisa como prerrogativa. É necessário revisar o currículo, inserir referenciais teóricos negros e propor atividades que considerem as questões raciais e outras temáticas relacionadas com o contexto histórico-social para a reflexão docente. Também é urgente evidenciar a construção coletiva e o reforço do estágio como espaço de formação política docente, e não apenas uma disciplina recheada de excessos burocráticos e pouca reflexão.

### **Possibilidades futuras**

Apesar das lacunas e limitações apresentadas, o Estágio Supervisionado, na formação inicial docente em Química, deve ser reconhecido como espaço relevante para a abordagem racial. No Ensino de Química, a EREER ainda é insuficiente, pontual e fragmentada, mesmo com a exigência de sua presença nos cursos de licenciatura. Reconhecer tais lacunas é passo essencial para a criação de um panorama de reconstrução de práticas curriculares para a inclusão nos estágios visando a constituição de um ambiente de aprendizado, práticas e teorizações antirracistas; A seguir, são apresentados alguns elementos que podem consolidar esta reconstrução e orientar propostas de pesquisa e ações pedagógicas.

O primeiro elemento é a *realização de análises sistemáticas sobre a incorporação da EREER* nos estágios, que ajudaria a preencher a lacuna da compreensão sobre a presença e ausência da EREER nos Estágios Supervisionados em Química. Se as pesquisas demonstram que existem ações sendo realizadas, ainda que pontuais ou isoladas como vimos, é necessário que haja uma sistematização metodológica mais abrangente para

---

investigar quais são as sequências didáticas, métodos e ações elaboradas, verificar a implementação destas ações e quais são os impactos na formação do(a) docente estagiário(a). Partindo da hipótese de que as EREER permanecem ausentes dos currículos de estágio, deve-se investigar se há tendência à invisibilidade epistemológica ou indícios de crescimento das práticas antirracistas. Mapeamentos, avaliações de materiais e análises de metodologias podem revelar os principais obstáculos estruturais nos Estágios Supervisionados.

Outro elemento central é a *análise sobre as experiências de estagiários(as) negros(as) e construção da identidade docente negra*, visto que a formação docente é entrecortada por experiências de racialização que influenciam e moldam a trajetória de licenciandos(as) e suas escolhas profissionais. Segundo o Censo da Educação Superior (INEP, 2023), a Licenciatura em Química é o nono curso com maior número de matrículas no país, totalizando 32.613 em 2023. Quantos(as) destes(as) estudantes são negros e negras? E como vivenciam a docência em escolas majoritariamente compostas por estudantes negros(as)? Estudos sobre as experiências de estagiários(as) negros e negras são raros, mas podem se apresentar como ponto de partida para a teorização sobre identidade docente negra. Os estudos sobre identidade negra (Gomes, 2002; Gomes, 1999, Kilomba, 2020) necessitam de atualização e introdução das questões sobre ser pessoa negra em formação docente frente a um currículo de Química embranquecido, a ausência de professoras(es) negros e negras durante a graduação em Química e o racismo institucional presente na universidade e na escola campo. Como estagiários negros e negras se narram durante o processo formativo e em uma relação intensa com a escola? Estas pessoas, que experimentam exclusão e racismo, entendem a presença das questões raciais em sua formação em Química relacionadas com quem são, com suas identidades? A investigação sobre como estagiários(as) negros e negras constroem sua identidade docente nos cursos de Química é um campo pouco explorado e pode mobilizar metodologias autoetnográficas, pesquisas narrativas e a escrita de relatórios/portfólios/textos durante os estágios.

O terceiro elemento diz respeito à *compreensão da escrita como fundamento formativo* por meio da elaboração do relatório de estágio, repensada como prática de escrita de si articulada às subjetividades negras. Conforme Evaristo (2007), escrever ultrapassa os limites de uma percepção da vida e inscreve o sujeito no mundo. Assim, ao

---

escrever, durante os estágios, sobre suas experiências formativas, os(as) estagiários(as) negros e negras podem explorar reflexões sobre identidade, mas também realizar uma crítica racial sobre a linguagem, silenciamentos, racismos e estratégias de resistências presentes no cotidiano escolar. Entender que a escrita sobre ser sujeito negro deve ser incentivada nos relatórios de estágio é primordial, e confrontar essa escrita de si com todos os conhecimentos sobre Química, sobre ser e estar docente em Química é fundamental para ressignificar o relatório como documento e como exercício narrativo pleno de criatividade. A escrita de si também servirá como momento propício para a reflexão investigativa, pois através da crítica podem surgir objetos de análise e problemáticas da(o) estagiária(o) sobre o Ensino de Química.

*A inserção de ações formativas com saberes afro-brasileiros em experimentações químicas* é uma lacuna que, quando considerada, pode integrar a formação durante o estágio em Química no campo social, cultural e epistêmico. O estágio como pesquisa permite que sejam integradas propostas experimentais com a valorização de saberes ancestrais negros, mas para isso, é necessário que haja diálogo com a comunidade local, com os territórios e as vivências da tríade licencianda(o)-formador(a)-estudantes para fazer emergir temáticas voltadas para atividades experimentais. Ainda são raras as propostas experimentais voltadas às temáticas raciais, o que evidencia um campo de investigação para os componentes de estágio e para a iniciação científica no Ensino Médio.

A pesquisa acerca da *análise documental e histórica sobre a inclusão das temáticas étnico-raciais em componentes de Estágios Supervisionados* permite avaliar as alterações curriculares promovidas pelas diretivas legais para a EREER no Ensino de Química. A análise comparativa de documentos das últimas décadas permite compreender as mudanças curriculares para os estágios e verificar se as questões raciais foram, de fato, incorporadas. Essa investigação deve estimular os(as) estagiários(as) a examinar projetos políticos-pedagógicos e currículos escolares, identificando políticas e práticas antirracistas.

Por fim, um último elemento fundante é a promoção de *integração efetiva entre docentes negros da universidade e da escola básica*, visto que professores(as) negras(os) de Química podem possuir experiências práticas na criação de atividades para a EREER que são desconhecidas ou pouco exploradas. Ampliar a atuação dos(as) professores(as) da escola básica para além dos momentos de observação, regência e co-regência pode

---

permitir momentos formativos de perspectiva colaborativa e supre uma possível falta de coletividade, inserindo a perspectiva de orientação conjunta, que certamente vai influenciar a reflexão sobre identidade docente, sobre as pesquisas e a escrita dos relatórios para além dos conteúdos tradicionais em Química.

### **Considerações finais**

O Estágio Supervisionado em Química ainda utiliza pouco seu potencial formativo para o aprendizado sobre as questões raciais, refletindo a ausência dessas discussões no currículo. Este ensaio buscou demonstrar que a consolidação dos estágios como eixo da formação docente ocorreu em paralelo às políticas públicas raciais para a educação. Inserir perspectivas investigativas nos componentes curriculares de estágio pode contribuir para uma formação crítica e antirracista, articulando o conhecimento químico às contribuições sociais e científicas do povo negro e à reflexão sobre identidade docente negra. Finalmente, os elementos apresentados como possibilidades futuras para articular questões negras nos estágios (realização de análises sistemáticas sobre a incorporação da ERER, análise sobre as experiências de estagiários(as) negros(as) e construção da identidade docente negra, compreensão da escrita como fundamento formativo, inserção de ações formativas com saberes afro-brasileiros em experimentações químicas, análise documental e histórica sobre a inclusão das temáticas étnico-raciais em componentes de Estágios Supervisionados e integração efetiva entre docentes negros da universidade e da escola básica), compõem uma trama que fortalece, valoriza e solidifica os Estágios Supervisionados como espaços políticos de formação e campos de disputa que necessitam de reestruturação. Reestruturação que pode ocorrer por meio da análise da falta de compromisso político com as questões raciais, entendimento capaz de reconfigurar práticas, elaborações teóricas e currículos, resultando em uma formação docente em Química transformadora.

### **Referências**

- Aguiar, T. C. D., & Francisco Júnior, W. E. F. (2013). Ações e reflexões durante o estágio supervisionado em Química: algumas notas autobiográficas. *Química Nova na Escola*, 35(4), 283–291.
- Bego, A. M. (2017). O Pibid como novo paradigma de formação de professores: vivências, saberes e práticas formativas inovadoras do subprojeto de Química da Unesp
-

- (PIBID as new paradigm of teachers training: experiences, knowledge and innovative formative practices of Unesp Chemistry subproject). *Crítica Educativa*, 3(2), 709-726.
- Brasil. (2003, 9 de janeiro). *Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003*. Altera a Lei nº 9.394/1996, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, para incluir o ensino obrigatório da História e Cultura Afro-Brasileira. *Diário Oficial da União*. Recuperado de [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/110.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm).
- Brasil. Conselho Nacional de Educação. (2002). *Resolução CNE/CP nº 1, de 18 de fevereiro de 2002*. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena. Brasília, DF: MEC.
- Brasil. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. (2002). *Resolução CNE/CES nº 7, de 18 de dezembro de 2002: Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Química, licenciatura e bacharelado*. Brasília, DF: MEC. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES072002.pdf>
- Brito, M. C., & Lopes, E. T. (2014). A educação das relações étnico-raciais: perspectivas para a formação docente em Química. *Scientia Plena*, 10(8).
- Cabral, W. A., & Flôr, C. C. C. (2016). pensando as práticas de escrita na disciplina de estágio Supervisionado em química: com a palavra, os estagiários. *Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências*, 18(3), 161-174.
- Camargo, M. J. R., & Benite, A. M. C. (2019). Educação para as relações étnico-raciais na formação de professores de química: sobre a lei 10.639/2003 no ensino superior. *Química Nova*, 42, 691-701.
- Conselho Nacional de Educação. Conselho Pleno. (2004). *Resolução nº 1, de 17 de junho de 2004*. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Diário Oficial da União. Recuperado de <https://www.gov.br/inep/pt-br/centrais-de-conteudo/acervo-linha-editorial/publicacoes-diversas/temas-interdisciplinares/diretrizes-curriculares-nacionais-para-a-educacao-das-relacoes-etnico-raciais-e-para-o-ensino-de-historia-e-cultura-afro-brasileira-e-africana>.
- Cruz, A. D. F. A., dos Santos, M. J., & de Assis Souza, V. C. (2021). Vivências no Estágio Supervisionado de Formação Pedagógica em Química realizado remotamente durante a pandemia da Covid-19. *Conexão ComCiência*, 1(3).
- Evaristo, C. (2007). Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. *Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 16-21.
-

- Fonseca, C. V. (2023). Estágio de docência em Química no contexto da pandemia de Covid-19: proposições envolvendo o currículo do ensino médio. Fonseca, Carlos Ventura; Scholl, Camille Johann; Grohs, Glaucia Helena Motta (Orgs.). *Estágios de docência na UFRGS (2017-2023): experiências e perspectivas de nossas licenciaturas*. Alegre, RS: TerriED, 2023. p. 83-109.
- Freire, L. I. F., & Lopes, J. M. (2021). O estágio como pesquisa sobre a própria prática em ensino de química: as abordagens metodológicas dos licenciandos. *Scientia Naturalis*, 3(2).
- Fröhlich, A. B., Scheid, R. R., de Andrade Leite, F., & Rigo, N. M. (2021). Educação não formal na formação de professores de Química: reflexões no contexto da pandemia de COVID-19. *Educação Química em Ponto de Vista*, 5(1), 222-239.
- Gomes, N. L. (2002). Educação e identidade negra. *Aletria: revista de estudos de literatura*, 9, 38-47.
- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). (2023). *Censo da Educação Superior 2023: Notas Estatísticas*. Brasil.
- Jesus, H. H. S., Tolosa, F. E., & Fernandes, A. C. (2020). Reflexões e contribuições do estágio supervisionado no curso de Licenciatura em Química da UFPA. *REAMEC – Rede Amazônica de Educação em Ciências e Matemática*, 8(2), 755-773. <https://dev.setec.ufmt.br/ojs3x/index.php/reamec/article/view/10401>.
- Junior, J. B. S., Leite, C. B., & Moraes, G. H. (2022). Um Estudo das Percepções de Licenciandos em Química sobre o Estágio Supervisionado e o PIBID. *Revista Debates em Ensino de Química*, 8(1), 88-100.
- Kilomba, G. (2020). *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Editora Cobogó.
- Lima, A. A. (2022). *Lei 10.639/2003 e ensino de Química: uma experiência na formação inicial de professores*. In VIII CONEDU – Anais. Campina Grande: Realize Editora. Recuperado de <https://editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/90395>
- Lima, A. A. (2023). *Estágio supervisionado obrigatório (ESO) na licenciatura em Química: proposta de atividade para subsidiar uma educação antirracista* [Comunicação oral, Anais do IX Congresso Nacional de Educação]. João Pessoa, PB: CONEDU. Disponível em <https://editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/95181>.
- Lima, A. A. (2025). *Dia da Consciência Negra na licenciatura em Química: vivência de uma atividade de extensão* [Anais do evento]. Universidade Federal Rural de Pernambuco. Recuperado de [https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2024/TRABALHO\\_COMPLETO\\_EV200\\_MD1\\_ID16038\\_TB7379\\_05102024145724.pdf](https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2024/TRABALHO_COMPLETO_EV200_MD1_ID16038_TB7379_05102024145724.pdf)
- Lima, M. S. L., & Pimenta, S. G. (2006). Estágio e docência: diferentes concepções. *Póiesis pedagógica*, 3(3 e 4), 5-24.
-

- Lima, M. S. L., & Pimenta, S. G. (2018). *Estágio e docência*. Cortez Editora.
- Lopes, J. M. R., Silva, F. F., & Medeiros Filho, A. E. C. de. (2020). Desafios dos estagiários em Educação Física na elaboração do plano de ensino e de aula. *Revista Triângulo*, 13(3), 59–71. <https://doi.org/10.18554/rt.v13i3.5059>.
- Lopes, J. M., & Freire, L. I. F. (2021). Possibilidade de um coletivo de pensamento no estágio de Licenciatura em Química. *Tecné, Episteme y Didaxis: TED*. <https://revistas.pedagogica.edu.co/index.php/TED/article/view/15472>.
- Luz, A. R. da, & Bego, A. M. (2022). Caminhos para a reestruturação da supervisão de estágios curriculares: Proposição de um modelo teórico-prático para fundamentar a atuação de professores supervisores de ciências. *Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências*, 24. <https://www.scielo.br/j/epec/a/ZWCLbR4rLtX9vxjQOGSv7KM/?lang=pt>.
- Ministério da Educação. (2004). *Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana* (Parecer CNE/CP nº 03/2004, Resolução CNE/CP nº 01/2004). Brasília, DF: MEC/INEP. Recuperado de <https://www.gov.br/inep/pt-br/centrais-de-conteudo/acervo-linha-editorial/publicacoes-diversas/temas-interdisciplinares/diretrizes-curriculares-nacionais-para-a-educacao-das-relacoes-etnico-raciais-e-para-o-ensino-de-historia-e-cultura-afro-brasileira-e-africana>.
- Oliveira, J. P. V. (2018). *Química e mitologia afro-brasileira: Concepções de um grupo de licenciandos em química de residência pedagógica sobre a temática das pimentas* (Trabalho de conclusão de curso, Universidade Federal de Uberlândia). Universidade Federal de Uberlândia, Ituiutaba.
- Passos, T. M., Andrade, L. F. S. A. S., de Jesus, M. C. L. B., & Lopes, E. T. (2021). (Des) Caminhos na Formação e Ação Docente: Reflexões sobre a EREER no PIBID/Química/UFS/Itabaiana. *Revista Debates em Ensino de Química*, 7(2), 153-170.
- Pegoraro, G. M., Carriello, G. M., Ribeiro, N. R., & dos Santos Junior, J. B. (2022). Um estudo das percepções de futuros professores de Química sobre o estágio supervisionado no contexto pandêmico da COVID-19. *Revista de Ensino de Ciências e Matemática*, 13(4), 1-21.
- Pimenta, S. G. (1995). O estágio na formação de professores: unidade entre teoria e prática. *Cadernos de pesquisa*, (94), 58-73.
- Pinheiro, J. S. (2016). *Possibilidades de diálogos sobre questões étnico-raciais em um grupo PIBID-Química* (Tese de doutorado, Universidade Federal de Uberlândia). <https://doi.org/10.14393/ufu.te.2016.66>.
-

Rodrigues, A. R. D. S. P. (2022). Compreensões acerca do Estágio Supervisionado na formação inicial de professores de Química: revisão narrativa de literatura. *Revista de Iniciação à Docência*, 133-147.

Santos, D. R. C. M. D., Lima, L. P., & Giroto Junior, G. (2020). A formação de professores de Química, mudanças na regulamentação e os impactos na estrutura em cursos de Licenciatura em Química. *Química Nova*, 43, 977-986.

Santos, J. J. S., Gonzalez, I. M., & Santos, P. N. dos. (2024). *Elaboração de uma sequência didática sobre identidades, natureza da ciência e questões raciais no Programa Residência Pedagógica – UFBA*. In Anais do XXII Encontro Nacional de Ensino de Química (ISBN 978-65-272-0993-5). Belém, PA, Brasil. Recuperado de <https://www.even3.com.br/anais/xxii-encontro-nacional-de-ensino-de-quimica-397660/815326-elaboracao-de-uma-sequencia-didatica-sobre-identidades-natureza-da-ciencia-e-questoes-raciais-no-programa-reside>.

Schnetzler, R. P. (2024). Concepções de Docência em 50 anos de Educação Química Brasileira. *Revista da Sociedade Brasileira de Ensino de Química*, 5(01), e052408-e052408.

Silva, D. dos S. (2021). *Estágio supervisionado: Diálogo entre o processo de formação inicial e atuação profissional de alunos egressos do curso de Licenciatura em Química do CEUNES* (Monografia). Universidade Federal do Espírito Santo. [https://quimica.saomateus.ufes.br/sites/quimica.saomateus.ufes.br/files/field/a\\_nexo/estagio\\_supervisionado\\_dialogo\\_entre\\_o\\_processo\\_de\\_formacao\\_inicial\\_e\\_atuacao\\_profissional\\_de\\_alunos\\_egressos\\_do\\_curso\\_de\\_licenciatura\\_em\\_quimica\\_do\\_ceunes\\_daian.pdf](https://quimica.saomateus.ufes.br/sites/quimica.saomateus.ufes.br/files/field/a_nexo/estagio_supervisionado_dialogo_entre_o_processo_de_formacao_inicial_e_atuacao_profissional_de_alunos_egressos_do_curso_de_licenciatura_em_quimica_do_ceunes_daian.pdf)

Silva, R. M. G. D., & Schnetzler, R. P. (2008). Concepções e ações de formadores de professores de Química sobre o estágio supervisionado: propostas brasileiras e portuguesas. *Química Nova*, 31, 2174-2183.

Souza, A. (2018). Ensino de Ciências e as Relações Étnico-Raciais: Análise na Formação de Licenciandos do PIBID. *Seminário Interlinhas*, 6(1), 21-28.

**Submetido em:** 30/06/2025

**Aceito em:** 20/10/2025

**Publicado em:** 02/11/2025

Periódico organizado pela Sociedade Brasileira de Ensino de Química – SBEnQ

**S**ociedade **B**rasileira  
de **E**nsino de **Q**uímica

---



Este texto é licenciado pela [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

---